



Ronda para Homens da Ronda Maria da Penha PMBA

Salvador (BA)

Samira Bueno e Jacqueline Brigagão





Ronda para Homens da Ronda Maria da Penha PMBA

Salvador (BA)

Samira Bueno e Jacqueline Brigagão



Nome da Experiência: Ronda para Homens da Ronda Maria da Penha / PMBA



Corporação: Polícia Militar



Cidade/UF: Salvador (BA)



Data de início da experiência:
Julho de 2015

Data da visita à experiência:
19 e 20 de fevereiro de 2017



Responsável pela inscrição: Major Denice Santiago

RESUMO

O Ronda para Homens foi criado em julho de 2015 como um subprojeto da Ronda Maria da Penha da Polícia Militar do Estado da Bahia (PMBA) e tem como objetivo sensibilizar e capacitar homens que residem em territórios vulneráveis à violência em Salvador e profissionais de segurança pública, promovendo mudanças culturais e reduzindo a reincidência entre os autores de violência. A proposta do Ronda para Homens é um “papo de homem para homem” no qual são discutidos os diferentes tipos de violência contra a mulher a partir de exemplos do dia a dia, promovendo a interação entre policiais e os cidadãos das comunidades assistidas pela Ronda Maria da Penha e potencializando a possibilidade de mudança cultural no combate ao machismo.

INTRODUÇÃO

A criação da Ronda Maria da Penha (RMP - PMBA) e do Ronda para Homens (RPH – PMBA) ocorre em um contexto no qual os indicadores de violência contra a mulher colocavam a Bahia em um dos piores cenários no ranking nacional. Segundo o Mapa da Violência de 2015 o Estado da Bahia encontrava-se no segundo lugar no ranking de homicídios de mulheres, e o balanço das ligações do 190 indicava que 32% dos chamados recebidos eram ocorrências de violência contra a mulher.

Neste cenário, e diante da constatação de que um dos maiores entraves a proteção das mulheres era justamente a falta de acompanhamento e fiscalização das medidas protetivas, a Ronda Maria da Penha passou a ser planejada pela major Denice Santiago. Denice é psicóloga e uma das fundadoras do centro Maria Felipa, núcleo psicossocial que tem por objetivo prestar atendimento e cuidado às policiais femininas e dependentes do sexo feminino de policiais da PMBA¹. A partir da experiência à frente do centro Maria Felipa, e estando na época alocada na Secretaria de Políticas para as Mulheres, Denice iniciou o desenho da Ronda Maria da Penha, oficializado a partir de um termo de cooperação técnica entre diversos órgãos dedicados ao enfrentamento à violência contra as mulheres.

Desde sua criação a Ronda Maria da Penha conta com a experiência da Capitã Paula no subcomando da operação. Paula é policial há mais de 20 anos, formada em comunicação social e trabalhou muitos anos no departamento de polícia comunitária, influenciando decisivamente na doutrina de implementação da RMP-PMBA, que consiste em uma experiência de policiamento comunitário que trabalha a perspectiva de gênero. Paula lida cotidianamente com os demais policiais que atuam na Ronda e é responsável por acompanhar a Ronda para Homens.

O Ronda para Homens é um subprojeto da Ronda Maria Penha desenvolvido por dois cabos – Cabo Djair e Cabo Cirqueira – ambos com mais de 20 anos de experiência no trabalho operacional. Tendo passado por batalhões em áreas cujos indicadores de violência são altos, assim como no Choque (corpo especializado no controle de distúrbios civis), ambos constituem a imagem do “policial de verdade”. São profissionais respeitados pela experiência e pela trajetória dentro da corporação, o que facilita a interlocução com os homens que participam das oficinas e palestras.

1. O Centro Maria Felipa se destaca pela produção de estudos e por ter seu trabalho focado em questões relativas à violência, especialmente sexual e doméstica, reconhecendo os problemas que acometem os membros da corporação.

Violência contra a mulher

Constitui qualquer ação ou conduta baseada no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público, como no privado.

Fonte: Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher. “Convenção de Belém do Pará” (1994).

Tipos de violência contra a mulher

“Violência Sexual É a ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule o limite da vontade pessoal. Manifesta-se como expressões verbais ou corporais que não são do agrado da pessoa; toques e carícias não desejados; exibicionismo e voyeurismo; prostituição forçada; participação forçada em pornografia; relações sexuais forçadas - coerção física ou por medo do que venha a ocorrer (Taquette, 2007);

Violência Física - qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher;

Violência Psicológica - conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima da mulher ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento, ou ainda que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

Violência Patrimonial - qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

Violência Moral - entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria;

Violência Institucional - aquela praticada, por ação e/ou omissão nas instituições prestadoras de serviços públicos. Mulheres em situação de violência são, por vezes, ‘revitimizadas’ nos serviços quando: são julgadas; não têm sua autonomia respeitada; são forçadas a contar a história de violência inúmeras vezes; são discriminadas em função de questões de raça/etnia, de classe e geracionais. Outra forma de violência institucional que merece destaque é a violência sofrida por mulheres em situação de prisão, que são privadas de direitos humanos básicos, em especial aqueles sexuais e reprodutivos.”

Fonte: Política Nacional de enfrentamento à violência contra a Mulher, 2011, pp.22-23.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O projeto Ronda Maria da Penha consiste em uma operação especial desenvolvida pela Polícia Militar da Bahia que teve início em 08 de março de 2015, mas que vinha sendo gestado desde 2013 na Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM). Neste período, a major Denice Santiago trabalhava na SPM e acreditava que um dos gargalos da política pública de segurança baiana era justamente a ausência de uma política focada especificamente nas questões de gênero. Com a ideia de desenvolver uma iniciativa em parceria entre a SPM e a PM, a major viajou até Porto Alegre para conhecer a Patrulha Maria da Penha, iniciativa pioneira desenvolvida pela Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Com os dados coletados nesta visita, a Ronda Maria da Penha passou a ser sistematizada e um termo de cooperação técnica foi celebrado entre a SPM, a Secretaria de Segurança Pública, o Tribunal de Justiça, o Ministério Público Estadual e a Defensoria Pública.

A Ronda Maria da Penha é um projeto que atende mulheres que tiveram medidas protetivas de urgência deferidas pela Justiça e que, segundo avaliação do Judiciário, Ministério Público ou Delegacia da Mulher, encontram-se em situação de alta vulnerabilidade. Isso significa que nem todas as mulheres com medidas protetivas de urgência são atendidas pela PM, mas aquelas consideradas mais expostas à violência e que aceitam fazer parte do programa.

A partir deste aceite os policiais da RMP-BA entram em contato com a assistida e se deslocam até o local indicado por ela – em geral sua residência – para conversar, entender melhor sua história e definir as visitas que, embora não tenham hora marcada, possuem turnos definidos de acordo com a rotina da assistida. As visitas não têm periodicidade definida, mas casos mais graves chegam a 4 visitas semanais. Na primeira visita às mulheres em situação de violência, preenchem um formulário sócio assistencial e uma certidão de 1º atendimento.

Segundo os profissionais envolvidos, o mais importante do atendimento prestado pela Ronda é o acolhimento ofertado à assistida, criando laços de confiança e passando segurança. Cada guarnição é composta de 3 policiais militares, dos quais um é necessariamente do sexo feminino. É sempre a mesma equipe que visita à assistida, de modo a garantir o estabelecimento de vínculos e a relação de confiança.

O Ronda para Homens surge em julho de 2015 como um subprojeto do Ronda Maria da Penha. Isto porque o comando da experiência entendeu que uma etapa importante e estratégica para o sucesso da ação consiste em sensibilizar homens que residem nas comunidades que concentram altos índices de violência contra a mulher, contribuindo para a mudança cultural e para redução da reincidência. Neste sentido, o projeto foi desenvolvido com foco nos homens das comunidades das assistidas e policiais militares do sexo masculino da PMBA que também ne-

cessitam ser sensibilizados para as questões relativas à lei Maria da Penha, como homens e como profissionais da segurança pública, protagonistas do programa.

A proposta do Ronda para Homens é um “papo de homem para homem”. As mulheres que compõe a equipe participam de quase todas as fases do processo, como a elaboração do material pedagógico, o agendamento da reunião, mas não participam da reunião para que os homens fiquem mais a vontade, e não tenham receios de fazer perguntas e comentários. Nas reuniões são discutidos os diferentes tipos de violência contra a mulher a partir de exemplos do dia a dia. Os policiais responsáveis pela sensibilização trazem uma série de exemplos de violências que fazem parte do cotidiano da sociedade e que por vezes parecem invisíveis, mas que apesar de não serem reconhecidas como violências pelos homens ou mesmo pelas mulheres, são formas violentas de relacionar-se com as mulheres que foram naturalizadas pela cultura e são passíveis de sanção pela lei Maria da Penha. Durante a visita ao projeto, acompanhamos uma atividade do Ronda para Homens com Guardas Municipais da cidade de Itaparica, realizada a pedido da prefeitura de Itaparica, que pretende criar uma ronda Maria da Penha na Guarda Municipal. A passagem abaixo traz um exemplo da discussão realizada nas atividades, liderada pelos dois cabos responsáveis pelo programa.

“A mulher é dona do corpo dela, ela só deita com você se ela quiser, ela não é obrigada mesmo sendo casada ela não é obrigada a deitar com você. Ela só vai fazer o que ela quiser fazer, porque o corpo dela pertence a ela, assim como o seu pertence a você. Você impõe a ela o ato sexual você está forçosamente obrigando-a a deitar com você. Ela por muitas vezes até pode deitar, mas ela deitando contra a vontade dela e após o ato indo a uma delegacia é constatado estupro. Acordem pra isso, isso com qualquer mulher, seja qualquer ato forçado. Vocês precisam passar isso para as pessoas. Relação sexual seja com penetração ou não tem que ser com o consentimento da mulher...” (Cabo da PMBA durante reunião do Ronda para Homens com Guardas Municipais de Itaparica).

A mobilização dos homens que participam da Ronda em geral ocorre por meio da própria comunidade, e não implica necessariamente a participação de autores de violência. Segundo o Comando da operação, existe, no médio prazo, a intenção de promover algum tipo de trabalho especificamente com foco nos homens autores de violência, mas eles compreendem que isso deve ser feito por equipes diferentes e em espaços físicos diferentes, implicando necessariamente na expansão do programa.

Ao final da atividade todos os participantes recebem um lanche, um certificado de participação e um formulário para avaliar a atividade e o desempenho dos policiais. Em geral esse é um momento de confraternização e os participan-

tes expressam satisfação em ter participado da oficina, e às vezes ainda fazem questões específicas para os membros da equipe.

INFRAESTRUTURA

A Ronda Maria da Penha e a Ronda para Homens não contam com recursos próprios nem linha orçamentária específica. Os policiais ficam alocados em um batalhão da cidade de Salvador junto a outros policiais e a Delegacia da Mulher, o que não gera custo de instalação além das despesas básicas com a infraestrutura da polícia. O comando da operação tem um orçamento de R\$1.500,00 por mês para as quatro viaturas e uma linha telefônica móvel, que é informada às vítimas. O Ministério Público, a SPM, o SEPROMI e outros órgãos públicos doam os folhetos e materiais informativos distribuídos aos participantes. Os lanches por vezes são custeados pelos próprios policiais da Ronda e eles buscam constantemente parcerias para financiar estas despesas.

Em Salvador o programa conta com 27 policiais militares e quatro viaturas exclusivas, sendo uma delas despadronizada. As viaturas padronizadas contam com uma faixa lilás e o logotipo do projeto. Os policiais contam com um braçal da ronda Maria da Penha nas suas fardas, também com contorno em tom de lilás, o que permite sua identificação prontamente.

INSTITUCIONALIDADE

A Ronda Maria da Penha foi oficialmente criada no dia 08 de março de 2015 através de um termo de cooperação técnica entre a Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, a Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia, a Polícia Militar da Bahia, a Polícia Civil da Bahia, o departamento de Polícia Técnica, o Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, o Ministério Público do Estado da Bahia e a Defensoria Pública do Estado da Bahia. Em 27 de agosto de 2015 o governador do estado nomeou o comitê de governança da Ronda Maria da Penha, que conta com representantes dos órgãos citados acima. Esse comitê se reúne mensalmente para alinhar procedimentos, discutir casos e acompanhar as ações da rede de enfrentamento à violência contra a mulher.

O Comandante da operação, Coronel Lázaro, informou que há tratativas para que a Ronda Maria da Penha, hoje uma operação, possa se tornar uma Companhia Independente com um efetivo maior e a possibilidade de desenvolver vários projetos. A Ronda para Homens, apesar de já ter desenvolvido diversas atividades, ainda não foi institucionalizada como ação independente e continua sendo um subprojeto da Ronda Maria da Penha.

PARCERIAS E ATIVIDADES DE FORMAÇÃO

Desde o princípio a Ronda Maria da Penha foi pensada a partir de uma perspectiva intersetorial, já que a ideia surgiu de uma parceria com a Secretaria de Políticas para as Mulheres e para que pudesse ser executado precisava da participação ativa do judiciário, da delegacia de defesa das mulheres (DDM) e da retaguarda e suporte de toda a rede de enfrentamento à violência contra a mulher de Salvador, já que muitas mulheres necessitam de acolhimento, do suporte do Centro de Referência de Atenção à Mulher e/ou CREAS, entre outros. Nesse contexto, como se trata de um subprojeto, a Ronda para Homens também conta com o apoio e suporte da rede de enfrentamento à violência contra as mulheres de Salvador.

No último ano a equipe da Ronda para Homens tem sido mobilizada para promover a capacitação de guardas municipais das cidades baianas com interesse em capacitar seus profissionais na perspectiva de gênero para o atendimento de mulheres em situação de violência, em especial os casos de violência doméstica.

PROTOCOLOS

Desde agosto de 2015 a Ronda Maria da Penha conta com protocolos que normatizam o atendimento, dentre os quais destacamos quatro:

- 1) Protocolo de atendimento da STELECOM (190) para chamados envolvendo violência doméstica e/ou familiar contra a mulher;
- 2) Protocolo de atendimento dos integrantes da operação Ronda Maria da Penha para Prevenção à Mulher Vítima de Violência Doméstica e Familiar em Salvador/Bahia;
- 3) Protocolo ORMP: Descumprimento de medida protetiva de urgência;
- 4) Protocolo ORMP: Fiscalização de medida protetiva de urgência sem flagrante de descumprimento.

Segundo a Major que comanda a Ronda Maria da Penha, os protocolos estão sendo revisados e complementados a partir da experiência de dois anos de implementação do programa. Embora a Ronda para Homens não conte com protocolos específicos, utiliza-se do conteúdo dos demais protocolos para o desenvolvimento das metodologias orientadas pela perspectiva de gênero utilizadas nas oficinas comunitárias de sensibilização de homens e na formação de policiais.

PRINCIPAIS RESULTADOS

A tabela 1 apresenta os resultados das atividades desenvolvidas pelo Ronda para Homens entre 2015 e 2016. Foram realizadas 12 palestras de sensibiliza-

ção e formação com homens residentes nas comunidades atendidas pelo Ronda Maria da Penha, com Guardas Municipais e com Policiais Militares, nos quais foram capacitados 240 homens.

TABELA 1: *Número de atividades desenvolvidas e número de pessoas capacitadas pela Ronda para Homens. Anos de 2015 e 2016.*

| Local | Número de atividades | Total de pessoas capacitadas |
|--------------------|-----------------------------|-------------------------------------|
| Piritiba | 4 | 80 |
| Salvador | 5 | 100 |
| Riachão de Jacuípe | 2 | 40 |
| Itaparica | 1 | 20 |
| TOTAL | 12 | 240 |

Fonte: Relatório interno da PMBA.

O Ronda para Homens é um projeto implementado exclusivamente na capital, Salvador, e se desloca para o interior quando há demanda para capacitação de outros policiais militares e/ou guardas municipais. No momento as equipes da Ronda Maria da Penha de Paulo Afonso e Feira de Santana estão passando pela capacitação para implementarem o Ronda para Homens em seus territórios.

A equipe de pesquisadoras teve acesso aos formulários de avaliação, que indicaram que os participantes apreciaram as atividades e relataram ter aprendido coisas novas. Como a equipe do projeto tem uma sólida formação sobre a Lei Maria da Penha e sobre as desigualdades de gênero, os conhecimentos são transmitidos em uma linguagem simples e clara o que facilita a apreensão por parte dos participantes, sejam eles profissionais de segurança pública ou residentes das comunidades nas quais a Ronda Maria da Penha atua. Neste caso, é importante destacar, portanto, a importância na escolha dos porta-vozes quando uma mensagem precisa ser transmitida.

No que diz respeito à Ronda Maria da Penha, desde sua criação em março de 2015 foram atendidas em Salvador 442 mulheres, foram realizadas 1804 visitas, 46 prisões de agressores durante estas visitas em função do descumprimento da medida protetiva e 150 palestras para a comunidade, que podem ou não envolver a equipe do Ronda para Homens.

As ações desenvolvidas pela Ronda Maria da Penha e todos os seus subprojetos, nesses dois anos de existência foram um sucesso e já começaram a ser replicadas no estado da Bahia. Em 2016 o projeto foi implantado no interior nas cidades de

Juazeiro, Feira de Santana, Paulo Afonso e Serrinha. O balanço dos atendimentos realizados no interior indicam 386 mulheres atendidas, 72 palestras realizadas e 1.507 visitas às mulheres com medidas protetivas. Importante destacar que para que um município tenha a Ronda é necessário contar com uma estrutura mínima, que é a existência de Delegacia da Mulher e de vara especializada.

TABELA 2: Número de atendimentos da Ronda Maria da Penha. Anos de 2015 e 2016.

| | 2015 | | 2016 | |
|----------------------------|----------|----------|----------|----------|
| | Salvador | Interior | Salvador | Interior |
| Número de atendidas | 177 | - | 265 | 386 |
| Visitas | 630 | - | 1.174 | 1.507 |
| Palestras | 77 | - | 73 | 72 |

Fonte: Relatório interno da PMBA.

DESAFIOS

Apesar de sua institucionalidade, a Ronda Maria da Penha ainda é muito pequena. No caso de Salvador, que tem 2,9 milhões de habitantes (IBGE, 2015) possui efetivo de apenas 27 policiais e quatro viaturas, mostrando-se insuficiente para dar conta da demanda.

Ainda menor é o Ronda para Homens que, embora seja bastante procurado por outros batalhões e guardas municipais para ampliar o processo de capacitação dos profissionais de segurança pública, tem seu potencial de implementação reduzido por contar com apenas três policiais destacados para a atividade. Neste sentido, embora o projeto seja audacioso e mostre resultados preliminares interessantes, sua capacidade de ação ainda é limitada pela falta de orçamento específico da Ronda Maria da Penha e pela dificuldade de expansão do programa.

Outro desafio presente, e que não é exclusivo da Polícia Militar da Bahia, é a sensibilização e formação dos quadros da própria polícia, geralmente resistentes às discussões de gênero. Se considerarmos que um percentual significativo dos estados ainda possuem legislações que limitam o acesso de mulheres às corporações policiais, é fácil compreender porque tem sido tão complexo o processo de capacitação de policiais e mesmo sua sensibilização em relação ao tema. As mulheres correspondem a apenas 9,8% dos efetivos das Polícias Militares de todo o país segundo dados do IBGE para 2015, o que representa

um desafio imenso não apenas à consolidação da agenda de enfrentamento à violência de gênero nestas organizações, mas também ao debate sobre equidade de gênero nas corporações policiais, permitindo a ascensão das mulheres aos cargos de comando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Ronda para Homens se mostra como uma iniciativa inovadora que tem potencial de transformação para dentro da corporação e para as comunidades atendidas pelo projeto. Internamente, tem como tarefa sensibilizar e formar multiplicadores acerca das desigualdades de gênero, incorporando essa visão no atendimento policial e capacitando os profissionais de segurança na lei Maria da Penha.

A formação dos quadros policiais na perspectiva de gênero é fundamental para aprimorar o atendimento às mulheres em situação de violência, mas também se mostra uma importante estratégia para sensibilização da corporação em relação ao tema, fortalecendo a agenda de enfrentamento à violência contra as mulheres em todas as ações desenvolvidas pela Polícia Militar.

As discussões promovidas nas oficinas do Ronda para Homens utilizam uma metodologia que propicia a reflexão dos homens sobre os papéis de gênero e das opressões que as mulheres sofrem no dia a dia. O projeto também acerta na escolha dos porta-vozes, cuja capacidade de comunicação com o público alvo se mostra bem sucedida.

Além do já destacado, o Ronda para Homens consiste em um projeto de policiamento comunitário que incorpora a perspectiva de gênero, e que é multiplicado a partir da voz dos cabos do sexo masculino. Promove, deste modo, a interação entre os policiais e os cidadãos das comunidades em que atuam, resgatando laços de confiança e potencializando a possibilidade de mudança cultural no combate ao machismo.

A Ronda Maria da Penha conta com uma série de protocolos que normatizam o atendimento prestado pelos policiais, o que facilita o monitoramento da atividade. O programa encontra-se institucionalizado por meio de decreto e possui um comitê de governança que se mostra ativo no acompanhamento dos resultados.

